Caroline tinha nome de princesa e era com um príncipe encantado que ela sonhava. Mas era uma menina pobre. Seu plano: aparecer nas festas freqüentadas por rapazes ricos, os príncipes modernos. Mas o amor fez das suas e...

Série Amarela

ISBN 85-16-02725-2

EDITORA MODERNA

Série Amarela

O par de tênis

Pedro Bandeira

ivro do
rofessor
Venda proibida

© Pedro Bandeira 2001

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Maristela Petrili de Almeida Leite
COORDENAÇÃO DA REVISÃO: Estevam Vieira Lédo Jr.
GERÊNCIA DE PRODUÇÃO GRÁFICA: Wilson Teodoro Garcia
EDIÇÃO DE ARTE: Edimilson Carvalho Vieira
CAPA: Orlando Pedroso
ILUSTRAÇÕES: Orlando Pedroso
DIAGRAMAÇÃO: Raquel Bortoletto Ribeiro
SAÍDA DE FILMES: Helio P. de Souza Filho, Luiz A. da Silva
COORDENAÇÃO DO PCP: Fernando Dalto Degan
IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Donnelley - Cochrane Gráfica Editora do Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bandeira, Pedro, 1942 -
O par de tênis / Pedro Bandeira ; ilustrações Orlando Pedroso. — São Paulo : Moderna, 2000. — (Série amarela)

Inclui guia para leitura.

1. Literatura infanto-juvenil I. Pedroso, Orlando. II. Título. III. Série.

00-4328 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infanto-juvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

ISBN 85-16-02725-2

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.
Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904
Vendas e Atendimento: Tel. (0_ _11) 6090-1500
Fax (0_ _11) 6090-1501
www.moderna.com.br
2001

Impresso no Brasil

1 3 5 7 9 10 8 6 4 2

Sumário

1. Menina pobre, com nome de princesa 9
2. Amiga e fada-madrinha 17
3. Um par de tênis novinho em folha 24
4. O príncipe encantado 30
5. O início de uma outra história 42

1. Menina pobre, com nome de princesa

Passava das seis e o ônibus ia lotado como sempre.

Mas, por uma sorte que acontecia pela primeira vez naquele ano, Caroline e Simone tinham conseguido lugar para sentar.

— Ufa! — fez Caroline ao sentar-se, jogando todo o peso no banco. — Pelo menos uma vez a gente pode ficar livre desse aperto!

— E ficar livre das safadezas desses moleques sem-vergonha que adoram levar vantagem do aperto! —completou Simone. — A marca daquele beliscão da semana passada só agora está desaparecendo...

Caroline riu gostosamente, lembrando-se do incidente no ônibus:

— Mas a marca dos teus cinco dedos na cara do moleque, aposto que ainda não desapareceu!

— Ah, menina! Eu sou assim mesmo. Office-boy nenhum vai tirar casquinha de mim sem levar o troco!

— Ué! — Caroline fez que estranhava, só para provocar a amiga. — Mas o Márcio não é office-boy?

— É. Mas é um garoto que *eu* escolhi. E, se eu escolhi, o escolhido pode tudo.

— Tuuudo mesmo? — Caroline provocou de novo.

— Bom... quaaase tudo, né? — respondeu Simone, sorrindo de lado, bem malandrinha. — Por exemplo, beliscar, deixando mancha roxa, não pode. Ainda mais no lugar onde aquele desgraçadinho beliscou...

E lá foram as duas, trocando confidências, muito unidas, uma sem qualquer segredo para a outra.

Caroline e Simone moravam na periferia, no mesmo bairro distante, na mesma quadra, e eram cara-e-coroa desde a infância. Aos dezesseis anos, quando ambas precisaram começar a trabalhar, tinham procurado e conseguido emprego em fábricas vizinhas e, assim, podiam ir e voltar do trabalho sempre juntas. Estudavam à noite também no mesmo colégio e na mesma classe e iam direto para as aulas, depois do trabalho, sem tempo nem mesmo para jantar. Desciam no ponto final do ônibus e andavam uma boa meia hora antes de chegar ao colégio.

Era quarta-feira, ainda havia muita semana, muito trabalho e muitas horas de ônibus pela frente até a pausa do sábado. Aos poucos, com o balanço do ônibus, a conversa foi arrefecendo e o cansaço foi tomando conta das duas meninas. Simone, sentada junto à janela, encostou a cabeça na carroçaria do ônibus, exausta. As duas precisavam encontrar forças em algum lugar para enfrentar a noite de aulas sem adormecer sobre o caderno.

No meio do aperto do ônibus, um sujeito achou que podia ler o jornal ali, de pé, sacolejando, bem ao lado do banco onde as duas estavam. Naturalmente, o jornal invadiu o espaço aéreo das duas, e as manchetes da primeira página estavam quase à altura do narizinho de Caroline:

— Veja, Simone! — Caroline apontava para uma das manchetes do fim da página. — Eu tenho nome de princesa!

Simone torceu um pouco a cabeça para ler: "Princesa Caroline casa-se em segredo".

— Vê lá se eu ia me casar em segredo se fosse princesa! — comentou Simone. — Eu ia fazer uma festa e um barulho daqueles!

— Pois eu vou me casar como uma princesa, Simone! — garantiu Caroline, com os olhinhos apertados pela certeza. — Eu tenho nome de princesa. O meu nome é o meu destino!

— Ora, deixe de sonhar feito uma boba, Caroline. Você vai acabar feito eu, apaixonada por um office-boy... Por um Márcio como o meu. Só um Márcio como o meu vai botar os olhos em você...

Caroline ainda fixava os olhos num infinito muito além dos prédios sujos que passavam lentamente pelo ônibus, no tartaruguear do congestionamento de todas as noites. Lá, naquele infinito que ela não podia enxergar, moravam os seus sonhos, o futuro dourado que ela confiava atingir um dia.

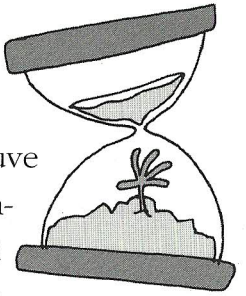
— Nada disso, Simone. Um dia vai aparecer o meu príncipe... Vai olhar bem fundo nos

meus olhos... Ah, que sorriso lindo que ele vai ter! Vai chegar pertinho, bem delicado, gentil como os príncipes devem ser. Nós vamos dançar a noite toda, abraçadinhos, quase sem falar... No fim do baile, ele vai me levar para o carrão dele. Vermelho, brilhando, sem capota, e eu vou ao lado dele, com o vento no meu rosto, sentindo o perfume da noite, sentindo o perfume da água-de-colônia dele, bem agarradinha no braço dele, com o rosto no seu ombro... E ele não vai se importar com a minha pobreza, não. Vai dizer que é a mim que ele quer, que não importa o que eu fui, o que importa é o que ele fará de mim... Aí, Simone, o nosso casamento vai ser de sair em todos os jornais, de sair até na televisão!

Simone sacudiu a cabeça, realista:

— Ah, Caroline! Deixa de bobagem. Isso só acontece nas novelas. Você nem tem tempo de assistir televisão! A gente acorda, trabalha, vai para o colégio e volta para casa com a língua de fora, tarde da noite, louca para comer alguma coisa e dormir logo, para acordar no

dia seguinte, ir para a mesma maldita fábrica, ouvir as mesmas broncas do maldito encarregado, fazer que não ouve as cantadas sujas que ele sempre diz quando não está dando bronca, trabalhar como uma burra empacotando pares de tênis de luxo, que eu nunca vou poder comprar, e continuar fazendo tudo de novo, dia depois de dia, mês depois de mês, ano depois de ano...



Caroline entristeceu-se um pouco:

— Nossa, Simone, que coisa horrível! Não vai ser assim, não. Você vai acabar casando-se com o Márcio. Ele é muito legal, é trabalhador. Você mesma disse que ele vai passar para a linha de produção, agora que já fez dezoito anos...

— Vai. Vai tornar-se um operário mal pago como era o meu pai. Vai trabalhar até as seis todo dia e depois vai querer beber umas cervejas com os amigos, enquanto eu vou ter de chegar em casa, depois do trabalho, e ir para a cozinha, fazer uma janta mi-

serável para os filhos... Como a pobre da minha mãe. Não tem jeito, Caroline, o nosso destino é esse mesmo...

Caroline afastou a sombra com que a amiga tentava cobrir-lhe o ânimo e assegurou:

— O meu destino não será esse, Simone. Eu tenho certeza. O meu destino está no meu nome. Nome de princesa! Eu sei que está!

2. Amiga e fada-madrinha

Tocou o sinal para o intervalo, acordando Caroline dos seus sonhos e Simone do sono que teimava em fechar-lhe as pálpebras. Nenhuma das duas tinha prestado a mínima atenção às aulas. Depois do intervalo, seria ainda mais difícil concentrar-se no que os professores diriam.

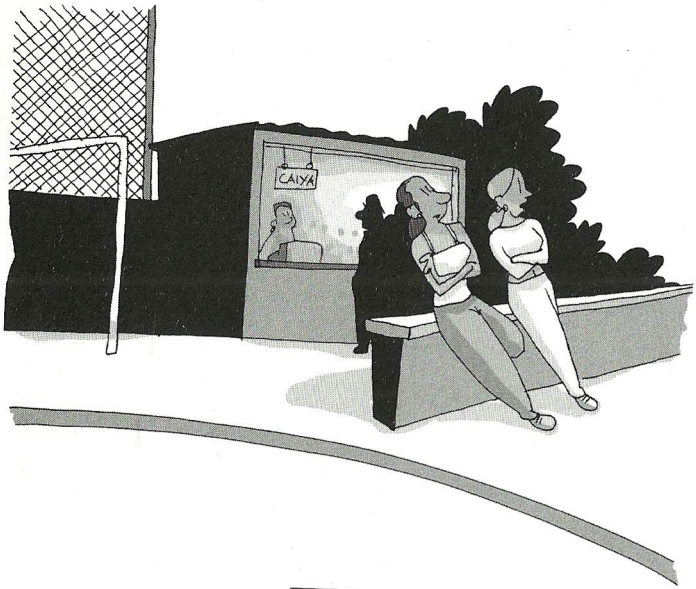
— Pessoal, atenção! — era Marilu, a filha do dono da panificadora, a menina mais rica da escola. — No sábado é o meu aniversário. Meu pai vai dar a maior festa. Toda a classe está convidada!

Em meio às exclamações, aos cumprimentos, Simone cochichou para Caroline:

— Está vendo? Estamos convidadas para uma festa de ricos. Lá deve estar assim de príncipes encantados!

Saíram as duas para o pátio. Nenhuma delas tinha dinheiro para comprar qualquer coisa na cantina. O lanche que haviam trazido de casa fora todo consumido na hora do almoço, no emprego, e as meninas sentaram-se numa mureta, sob o céu e sob o friozinho da noite, esquecendo-se da fome.

— Nessa festa eu não vou. O Márcio é da outra classe, não está convidado. No sábado, eu vou é sair com ele.



Caroline não respondeu. Estava de cabeça baixa, caladinha.

— Que bicho te mordeu, menina?

— Nada, Simone...

— Ora, pode falar. Você não é capaz de me esconder nada. Eu te conheço, Caroline.

— É que... é a festa. Festa de gente rica...

— Gente rica? O pai da Marilu só é dono de uma padariazinha, não pense que a festa dela vai ser como aquelas dos filmes...

— Para mim, eles são mais do que ricos...

— Então, ótimo! Eu vou namorar o Márcio, e você vai a uma festa de ricos.

— Vou nada. Eu bem que estou louca para ir. Nunca vou a lugar nenhum, nunca conheço ninguém novo. Mas a bruxa da minha madrasta jamais vai deixar...

* * *

No dia seguinte, Simone trazia um estranho sorriso, quando as duas se encontraram no ponto do ônibus.

— O que você está escondendo, Simone? — perguntou Caroline.

A amiga continuou calada, misteriosa, saboreando a revelação. Só quando o ônibus já tinha andado várias quadras, e as duas já tinham sacolejado bastante, agarradas aos balaústres, Simone falou, como quem procura um assunto a esmo:

— Como é? Já pediu alvará para ir à festa da Marilu?

— Eu? Nem pensar! Meu pai até que deixaria, mas aquela bruxa da minha madrasta nun...

— Você *vai* à festa, Caroline! — interrompeu Simone. — Eu falei com os meus pais. Daqui a pouco, minha mãe vai à sua casa convidar seu pai e sua madrasta para jogar cartas no sábado. Estão convidados para chegar lá de tarde. Meu pai garante que segura os dois até a noite. Vai até comprar cerveja. Você está livre, menina!

Espremida contra a amiga, no aperto do ônibus, Caroline abraçou-a e deu-lhe um beijo estalado no rosto:

— Simone, você é maravilhosa!

— Mas trate de voltar antes da meia-noite. Meu pessoal não garante segurar seu pai e sua madrasta até muito mais tarde.

Caroline estava excitadíssima:

— Pode deixar, pode deixar, eu volto em tempo, eu...

De repente, seu rosto anuviou-se, e ela interrompeu o entusiasmo.

— O que foi agora, Caroline?

— Você é a melhor amiga que uma menina poderia ter, Simone. Mas eu não posso ir à festa...

— Não pode por quê? A sua madrasta nem vai ficar sabendo...

— E como é que eu posso aparecer lá? O que é que eu vou vestir? Você acha que eu posso ir à festa da menina mais rica do bairro vestida deste jeito?

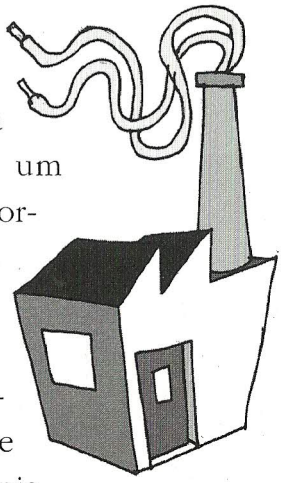
— Eu tenho um jeans novinho. Eu te empresto. Minha mãe me empresta umas bijuterias. Ela tem uma blusa rosa, de seda, que é um estouro. E eu maquio você. Sou especialista em maquiagem. Você vai ficar linda!

— Obrigada, Simone. Você é demais. Mas como é que eu vou com estes tênis? Você já olhou para eles?

— Há dois anos eu olho para eles, Caroline...

* * *

Na fábrica, Simone estava triste. Caroline era como uma irmã para ela, uma irmã mais nova, alguém de quem ela gostava de cuidar, alguém a quem era preciso proteger. Caroline era inocente demais, uma criança que se



alimentava de sonhos impossíveis. Simone queria oferecer a festa de Marilu a Caroline, como se fosse um presente. Um presente importante, o presente de uma madrinha.

Maquinalmente, agindo como a máquina que esperavam que ela fosse, Simone apanhava os pares de tênis, envolvia-os em papel de seda e colocava-os nas caixas, empilhando-as depois sobre o estrado, que seria apanhado pela empilhadeira quando o monte de caixas chegasse à altura necessária.

Era baixinha, e sempre tinha de ficar na ponta dos pés para colocar as últimas caixas.

Num momento, desequilibrou-se e tentou apoiar-se na pilha. As caixas desabaram, abrindo-se e espalhando os tênis pelo chão.

Abaixou-se ansiosamente, tentando reorganizar tudo antes que o encarregado aparecesse...

3. Um par de tênis novinho em folha

Seis e quinze. Caroline já estava no ponto do ônibus quando Simone chegou. Trazia a mochila estufada e um sorriso radiante.

Abriu a mochila e tirou um embrulho de lá. Estendeu-o à amiga.

— Aqui está. É o seu número. Pode experimentar. Eu não disse que você iria à festa?

Caroline abriu sofregamente o pacote.

Um par de tênis novinho em folha! O mais lindo par de tênis que Caroline jamais vira!

— Simone, o que é isso?

— Um par de tênis, sua boba. Você nunca viu?

— Lindo como este, nunca! Como é que você conseguiu? Você... não vá me dizer que você roubou esses tênis...

— O que é isso, Caroline? É claro que eu não roubei! É impossível roubar um par de tênis naquela fábrica. Eles revistam todas as mochilas e sacolas que a gente leva. Esse, eu comprei!

— Comprou?! Mentira! Onde é que você ia arranjar dinheiro para...

— Veja. Esse par está com um defeitinho. Está vendo? Aqui, no desenho. Só nota quem olhar bem de perto. Alguns pares saem assim.

Daí, o tal do "controle de qualidade" rejeita, e os tênis rejeitados não vão para as lojas. Ficam na fábrica mesmo, e eles vendem bem baratinho, para os funcionários...

Caroline não acreditava no que ouvia:

— Não é possível! Para mim? Você comprou estes tênis lindos para mim?

— Pare de se espantar feito uma boba, Caroline! Agora você está prontinha para ir à festa da Marilu!

* * *

Não. Simone não havia roubado aquele par de tênis novinho em folha. Mas também não os havia comprado. A fábrica realmente vendia mais barato os pares que saíam com pequenos defeitos, mas nem esse preço menor Simone podia pagar com o que ganhava. O par de tênis fora conseguido de outra maneira.

No ônibus, Simone deixou a amiga papagueando excitadamente ao seu lado, desligou-se daquele entusiasmo e mergulhou em si mesma, recordando os acontecimentos daquela tarde.

Lembrou-se da pilha de caixas espalhadas pelo chão, lembrou-se do medo de ser interrompida pelo encarregado, lembrou-se...

O encarregado. Abaixada, apanhando os tênis da pilha derrubada, Simone vira aproximarem-se as pernas do famigerado Xavier, o feitor daquelas pequenas escravas. Lá vinha o maldito encarregado, trazendo bronca, na certa.

Xavier pusera-se de cócoras ao lado dela.

— Fazendo seus estragos de novo, bonequinha?

Pronto. Quando não havia ninguém mais graduado por perto, aquele sujeito untuoso, suarento, fedendo a pinga e a cigarro, substituía a bronca e os berros com que normalmente se exibia para os superiores por um comportamento ainda pior do que as broncas.

Chegou-se perto e um cheiro rançoso de suor invadiu as narinas de Simone.

— Espero que você não tenha sujado nada com essa sua maneira estabanada de trabalhar. Se tiver algum arranhãozinho no couro, você sabe que eu tenho de descontar do seu salário...

Descontar do salário! O preço de apenas um par daqueles tênis era o salário de mais de um mês!

Mas Xavier não gritava, não ameaçava. Sussurrava apenas. Com um bafo repugnante.

Simone só trabalhava naquele seu primeiro emprego há quatro meses, mas conhecia o encarregado muito bem. Afastou o corpinho um pouco, fugindo ao contato da coxa de Xavier.

— O que é isso, bonequinha? Parece uma gatinha arisca! Você sabe que, se eu quiser, ninguém vai descontar nada de você. Ora, vamos! Um beijinho só...

E aproximou aquela boca asquerosa, exibindo um sorriso cariado.

Simone recuou, caiu sentada e encarou o encarregado:

— Está bem. Mas eu quero uma coisa.

* * *

O nojento do Xavier conseguira o seu beijo, mas Caroline ganhara um par de tênis novinho em folha.

— Valeu a pena... — falou ela, em voz alta.

— O quê? O que é que valeu a pena, Simone? — perguntou Caroline ao seu lado.

— Nada, não, Caroline...

E Simone tentou substituir o enjôo que lhe dava a lembrança da língua pastosa de Xavier pela alegria que ela podia ler no rosto de sua melhor amiga.

Tinha valido a pena.

4. O príncipe encantado

O pai de Caroline e a bruxa da madrasta saíram para a casa de Simone depois do almoço de sábado. No minuto seguinte, lá estava a própria Simone abrindo a mochila e tirando de lá seus jeans novos, bijuterias, uma linda blusa rosa e uma porção de materiais para maquiagem.

As duas riram a tarde toda, e Simone só saiu para encontrar-se com Márcio depois que Caroline já estava linda como uma princesa.

— Vê lá, hein? Não volte para casa depois de meia-noite. Mais tempo meus pais não vão poder segurar sua madrasta e seu pai.

— Claro, Simone. Obrigada por tudo. Você é maravilhosa.

— Vá. Divirta-se. Tchau, Caroline. Encontre o seu príncipe. Eu vou namorar o meu.

Caroline tomou o rumo da casa de Marilu, caminhando com o maior cuidado, para não sujar o seu lindo par de tênis.

"Duvido que alguém na festa tenha um tênis mais lindo do que o meu...", ia ela pensando enquanto evitava o barro das ruas sem calçamento. "E acho que ninguém, neste mundo, tem uma amiga como eu tenho a Simone..."

* * *

Caroline devia estar linda mesmo, pois todas as colegas correram para elogiá-la, mal ela apareceu na casa de Marilu. Até mesmo alguns rapazes da classe, que nunca tinham olhado para ela, chegavam-se agora todos cheios de sorrisos, de olhares, como se tivessem descoberto de repente que ela existia na face da Terra.

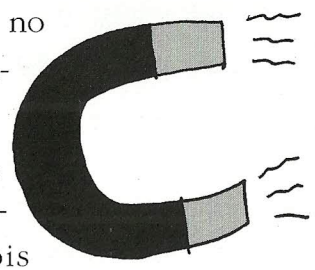
E aconteceu.

O que a menina tanto sonhara acabou acontecendo.

A música estava alta, vinda de um conjunto de som possante, envolvendo todos numa atmosfera de alegria, de excitação, tudo sob uma luz fraca, cheio de clarões e de sombras, quando Caroline bateu os olhos nele.

Lá estava ele. Lindo como um desenho. Desses que a gente não acredita que existam, desses que a gente acha que só um artista pode criar com seus pincéis.

Caroline ficou como hipnotizada, do outro lado do salão, olhando para aquele rosto, examinando as roupas caras, os tênis importados, a camisa meio aberta no peito, o sorriso iluminando a festa.



Ao mesmo tempo, como se fossem os pólos opostos de dois ímãs, seus olhares encontraram-se. Ele também a percebera. E ele também parecia fixar-se no rosto jovem, lindo, delicado de Caroline.

O rapaz afastou alguns corpos que se entrepunham à sua frente e veio vindo para Caroline, sem desviar o olhar nem desmanchar o sorriso.

Chegou, e o coraçãozinho de Caroline disparou enquanto ela erguia os olhos para o rapaz.

Delicadamente, como ela esperava, ele colocou as duas mãos em seus ombros e disse alguma coisa.

A música estourava, de tão alta. Impossível conversar. Ela deixou-se levar por aquelas mãos para o meio do grupo frenético que acompanhava com os músculos cada acorde das guitarras.

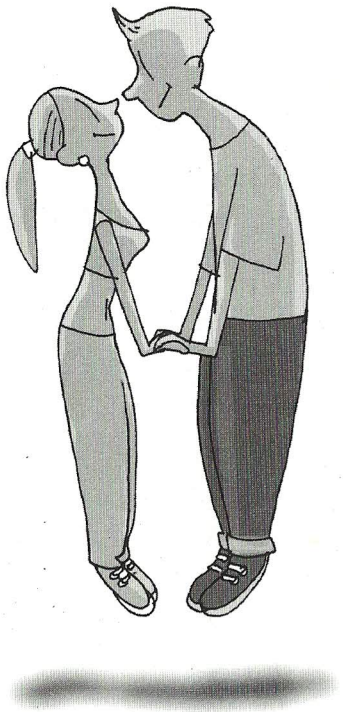
Estranhamente, no meio de tanta agitação, nenhum dos dois parecia ouvir aquele som. Ele aproximou seu corpo do corpinho dela e abraçou-a, como se estivessem ouvindo uma balada romântica.

Abaixou o rosto e colou-o ao dela.

Caroline sentiu um calor gostoso, envolvente, como se todo o seu corpo fosse formado pelas cordas de uma guitarra, tocada pelos dedos de um virtuose.

E eram os dedos de um virtuose que ela sentia tocarem as suas costas, delicadamente, como se ela fosse de porcelana, e ele temesse quebrá-la.

Juntos, colados, balançavam-se suavemente, compondo, ouvindo e acompanhando a sua própria balada de amor.



A noite inteira. Ele e ela. Caroline e o seu achado. Alguém que ela sempre esperara, que ela sabia que viria e que, finalmente, apareceu, como se brotado de seus próprios sonhos.

Para os dois, ninguém mais havia naquela festa. Sentiam-se sozinhos e não precisavam de mais ninguém.

Caroline estava com o rosto deitado sobre o peito do rapaz, deixando-se levar pelos acordes daquele encontro, dançando nas nuvens, esquecendo-se do tempo, quando ele, suavemente, enlaçou-a pelos ombros e foi saindo com ela, devagar, em direção ao jardim.

Havia luar naquele sábado. Uma luz tão forte que não deixava aparecerem as estrelas. No meio do jardim, um ipê de flores brancas brilhava contra o negro do céu.

Tudo cheirava bem. O ar. As flores brancas. O rapaz...

Ela ergueu os olhos e refletiu a lua na direção dele.

Dois sorrisos.

O rosto dele aproximou-se. Os dois hálitos

perfumados, por um instante, misturaram-se, e os dois respiraram o mesmo ar.

O calor do corpo do rapaz envolveu-a, colou-se dos pés ao peito, os dois misturaram-se num só corpo, e lábios quentes desceram procurando a boquinha de Caroline.

Ela sentiu-se úmida, cálida, calma, enebriada, e fechou os olhos, à espera daqueles lábios.

Colaram-se, premiram-se, como se cada um deles, num hausto, quisesse respirar o outro para dentro de si, para que nunca mais se separassem...

* * *

Nenhum dos dois conseguia dizer nada. Não havia mesmo nada para dizer. O sonho podia desenvolver-se por si mesmo, pois tinha seu próprio enredo, traçado pelo destino.

Caroline olhava para a lua, para as flores prateadas do ipê, tentando fixar para sempre nos arquivos fotográficos da memória aquele cenário inigualável, aquela ocasião inesquecível. Ele abraçou-a por trás, envolvendo seu pescoço com o braço.

Caroline apertou aquele braço com as duas mãos e sentiu o relógio no pulso do rapaz.

— Ahn? Que horas são?

Sem soltá-la do enlace, ele olhou para o relógio por sobre o ombro de Caroline.

— Que horas? Meia-noite...

Caroline libertou-se num repelão.

— Meia-noite? Meu Deus! Preciso ir!

Pôs-se na pontinha dos pés e beijou-lhe ligeiramente os lábios, com pressa, como o esvoaçar de uma borboleta.

— Precisa ir? Mas...

A madrasta! Se a madrasta soubesse que ela...

Caroline voltou-se e correu atravessando o jardim.

Por um momento, sem entender o que acontecia, o rapaz ficou sem ação. Mas, no momento seguinte, correu atrás dela.

— Espere. Espere um pouco! Como é o seu nome? Onde você mora?

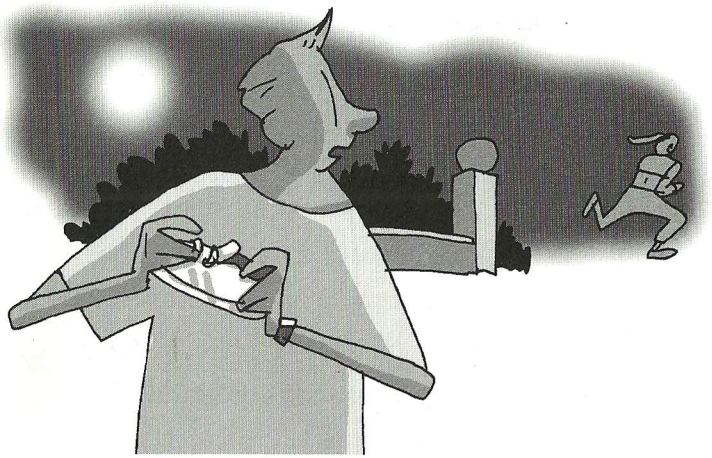
A menina corria, e o rapaz notou que ela tropeçava em um degrau.

Chegou até lá e percebeu uma coisa branca, caída no chão. Abaixou-se. Era um dos tênis de Caroline.

Ele pegou-o e procurou ver para onde a menina tinha corrido.

— Espere...

Mas era tarde. O lindo corpinho de Caroline, que ele tivera nos braços até um segundo atrás, desaparecera na noite.



— Ai, menina, você não imagina, não imagina, não imagina! O que eu sempre sonhei! Um garoto dos sonhos. Uma perfeição. Eu sabia que um dia ele haveria de aparecer. Eu sabia, eu sabia, eu sabia! Eu não lhe disse? Eu tenho nome de princesa. Pelo menos por um momento eu estive nos braços do meu príncipe encantado! Ele é lindo, lindo, lindo! Só mesmo um garoto rico como ele poderia ser tão bem-tratado, tão lindo assim!

O domingo já ia alto. Caroline conseguira chegar em casa e meter-se na cama antes da chegada da madrasta. Foi por um triz. Mal ela se enfiara na cama, ouviu a voz da bruxa, chegando com o pai e reclamando de tudo.

Agora a menina estava ali, com a amiga, tentando agradecer tudo que lhe devia ao relatar a sua felicidade.

— Que maravilha, Caroline! Me conte tudo, cada detalhe!

— Ai, Simone, eu não sei se estou contente ou se estou triste! Foram as horas mais gostosas da minha vida, foi um sonho que se rea-

lizou. Mas... e agora? Eu tive de fugir. Já era meia-noite. Nem sei o nome dele, nem onde ele mora, não sei nada. E ele também não sabe nada de mim. Talvez até seja melhor assim. O que ele iria pensar se soubesse que eu sou tão pobre? O que um garoto rico como ele, que tem de tudo, ia querer com uma garota como eu?

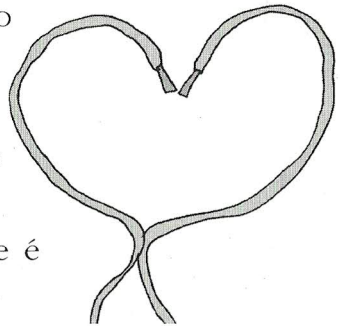
— Ora, Caroline, você não deve pensar que...

— Não, Simone. Chega de sonho. Eu vivi meu sonho lindo, mas agora está na hora de pôr os pés no chão. Ele não é para mim...

Simone abraçou a amiga. Nada disse. Sabia que Caroline tinha razão.

— Sabe, Simone? Você não vai ficar chateada?

— Chateada? Com o quê?



— Sabe? É que... aqueles lindos tênis que você me deu...

— Os tênis? O que é que tem?

— Eu saí correndo tão apressada, já era meia-noite. Tropecei, nem sei onde. E perdi um deles...

Simone sorriu suavemente. Não fazia mal. Ela conseguira, pelo menos, dar uma noite de felicidade para a amiga. O sacrifício valera a pena.

5. O início de uma outra história

Caroline já estava em casa. Tinha de dormir cedo. No dia seguinte, o trabalho começava cedinho.

De fora, ouviu a voz de Simone.

— Caroline! Venha aqui um instante!

Tinham passado juntas praticamente todo o domingo. O que quereria Simone àquela hora?

O rostinho da amiga apareceu na porta. Trazia aquele mesmo sorriso maroto que, para Caroline, sempre prenunciara boas novas.

— Surpresa, Caroline. Sabe o que aconteceu?

— Não...

— Tem um rapaz que passou o dia andando pelo bairro inteiro, com um tênis na mão, perguntando a todo mundo de quem era...

Mais uma vez, o coraçãozinho de Caroline impediu-lhe a fala.

— Ninguém soube informar de quem era o tênis. Mas ele me encontrou... O que foi? Achou que tinha perdido o seu sonho de ontem à noite? Pois ele está aí. À sua espera.

Afastou-se e abriu a porta com o braço estendido, revelando o exterior para Caroline.

Ali estava ele.

Trazia o tênis perdido na mão e o mesmo sorriso lindo. Devia ter deixado o carrão em frente à casa de Simone.

Sem nada dizer, Caroline foi até.

— Oi... O seu nome é Caroline, não é? Sua amiga acabou de me contar...

Caroline só sabia sorrir e olhar para aquele sonho que novamente se materializava à sua frente.

— Você fugiu ontem à noite. Sem dizer seu nome, sem dizer onde eu poderia encontrá-la novamente, sem nada... Eu só tinha o seu tênis para tentar encontrá-la. E eu tinha de encontrar você novamente. Eu nunca vi uma garota que... Bem, que fosse como você. Que fosse *você*. Eu... eu acho que...

A voz de Caroline soltou-se. Ela sentia-se calma, relaxada, certa de que seu destino estava ali, à sua frente.

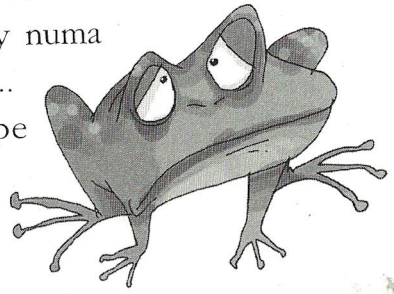
— Não precisa procurar mais, meu querido... Eu também... Eu também nunca... Só nos sonhos... eu...

Num repente, o rapaz novamente colocou as duas mãos nos ombros da menina:

— Caroline. Ouça. Eu não tenho nada que lhe possa oferecer. Sou pobre demais. Só fui àquela festa ontem porque um amigo me emprestou as roupas...

Como? O príncipe encantado dos seus sonhos usava roupas emprestadas?

— Tudo que eu posso dizer a você é que eu tenho *vontade*. Que eu não me entrego facilmente. No momento, eu só tenho um emprego de office-boy numa firma de contabilidade...



Como? O príncipe encantado dos seus sonhos não era filho de um rei?

— Mas é só no momento. E eu sei que você não é somente mais uma para mim. Eu sinto, aqui dentro, que você é para sempre.

Como? O príncipe encantado dos seus sonhos era apenas um office-boy? Como o namorado de Simone?

— Estou falando isso tudo nem sei por quê. É que eu tenho de fazer com que você me aceite como eu sou. Juntos, eu sei que nós seremos mais, muito mais...

Como? O príncipe encantado dos seus sonhos era pobre?

— Caroline, era isso que eu tinha a lhe dizer. O que houve ontem à noite foi importante demais para mim. Eu não posso perder você novamente...

Como? O príncipe encantado dos seus sonhos...

— Agora é você. Fale, meu amor. O que você me diz?

Caroline olhou-o profundamente dentro dos olhos, procurando enxergar-lhe a alma, o interior, queria ver entranhado nele todo o ca-

rinho que ela sentia por ele, naquele momento, e para sempre...

Sorriu, enlaçou-lhe a cintura e puxou-o para ela:

— Meu príncipe encantado!

Leia também da Série Amarela:

1. *Um negro muito gato*

Marcia Kupstas

É possível mudar o destino e dar a volta por cima? Enganado pelos irmãos, Marcelo estava sozinho no mundo: sem teto, sem dinheiro e sem família.
Pior, impossível.
Sua história começa a mudar quando ele conhece um rapaz negro, ladino e formado pela faculdade da vida, que sonha com um par de botas!
Seu novo amigo tem brilhante idéia: misturar culpas do passado, dívidas de jogo, amores não correspondidos, falsas camaradagens, dinheiro vindo do jogo do bicho e... astúcia!

2. *Eu quero ficar com você*

Pedro Bandeira

Marina nunca tinha ficado com nenhum garoto. E agora, chegaria a sua primeira ficada, justo com Renato, o rapaz mais bonito da escola. Mas o coração de Marina queria mais, muito mais...

3. *Chegou o grande dia*

Carlos Queiroz Telles

Isaías até mudou o nome para "Arthur" só para conquistar Érica. E, para assegurar a conquista, as mentiras foram crescendo, foram crescendo... Agora, tinha chegado a hora da verdade. Será que ele iria perder seu primeiro amor?